

## Prefácio | Pensamento crítico latino- -americano e produção de conhecimento em lazer

Aceitamos o desafio de prefaciá-lo livro *Horizontes latino-americanos do lazer* porque consideramos que a temática tratada na obra é relevante e requer novas discussões e aprofundamentos que contribuam com o avanço de conhecimentos em nossa região. Como contribuição aos fundamentos contidos neste livro, elaboramos um texto que trata de alguns assuntos relacionados com o tema da produção de conhecimento na região latino-americana.

Nesse sentido, e situados na perspectiva do pensamento crítico latino-americano, este prefácio problematiza o conhecimento e suas formas, ou condições de produção, buscando contribuir com a compreensão dos processos de formação no âmbito de mestrado na América Latina, cujo propósito central está relacionado com a produção de conhecimento novo sobre o lazer.

## **Algumas reflexões sobre o pensamento crítico latino-americano**

Pode-se afirmar que o pensamento crítico é aquele capaz de fazer a leitura de uma determinada realidade, estabelecendo diferenças, semelhanças, comparações e associações, permitindo desvelar sentidos ocultos intencionalmente, elaborar juízos, interrogar, exigir respostas, decifrar e interpretar códigos impostos como verdades únicas por aqueles que têm ou tomam como próprio o poder da enunciação.

O pensamento crítico latino-americano representa uma iniciativa gestada nessa região, que aposta na reivindicação de formas de viver, de ser, de pensar, de conhecer, de entender a vida, a partir de referenciais distintos dos tradicionais, provenientes das metrópoles, com um selo de universais, objetivos, racionais e, portanto, válidos e legítimos para conduzir todas as sociedades do mundo a supostos estados de progresso e desenvolvimento.

Nesse sentido, o pensamento crítico latino-americano surge como contraponto do paradigma promovido pelas elites *crioulas*, herdeiras de formas de dominação próprias da Colônia, sobre as quais se implementaram logo os Estados na América Latina.

Nas palavras de Edgardo Lander:

As diferentes vertentes principais do pensamento que têm sido historicamente hegemônicas sobre e desde a América Latina podem ser caracterizadas como colonial/eurocêntricas. Existe uma continuidade básica desde as crônicas das índias, o pensamento liberal da independência, o positivismo e o pensamento conservador do século XIX, a sociedade da modernização, o desenvolvimento em suas diversas versões durante o século XX, o neoliberalismo e as disciplinas acadêmicas institucionalizadas nas universidades do continente. Mas além da diversidade de suas orientações e de seus variados contextos históricos, é possível identificar nessas correntes hegemônicas um substrato colonial que se expressa na leitura dessas sociedades a partir da cosmovisão europeia e seu propósito de transformá-las à imagem e semelhança das sociedades do Norte, que em sucessivos momentos históricos serviram de modelo a ser imitado.<sup>1</sup>

Ao estabelecermos como objeto deste escrito um olhar atual sobre essa lógica de pensamento, faz-se necessário uma retrospectiva que permita situar as abordagens a partir das quais se tem feito suas construções.

A descolonização, tanto epistêmica como em outros âmbitos da existência humana, tem representado assuntos sobre os quais o pensamento crítico colocou seu interesse na América Latina. Para Lander,<sup>2</sup> são relevantes as contribuições de Martí e Mariátegui no final do século XIX, passando pelo pensamento político-acadêmico, as lutas populares e os debates sobre o desenvolvimento nos anos de 1960 e 1970, até a problematização das formas de conhecimento objetivo, com a proposta de uma ciência com compromisso político pela transformação social, do sociólogo colombiano Orlando Fals Borda. Também Freire, com a *Pedagogia do oprimido*, e Dussel, com a filosofia da liberação, representam contribuições importantes nessa linha.

A partir de um olhar atual, é possível afirmar que a perspectiva da problematização dos pressupostos coloniais e eurocêtricos representa hoje a expressão e desenvolvimento do pensamento crítico latino-americano. De acordo com Lander:

Alguns dos assuntos principais dessas explorações anteriores têm sido retomados mais recentemente com novas e fecundas perspectivas na forma de um questionamento global e sistemático aos pressupostos coloniais e eurocêtricos dos saberes sociais *de e* sobre o continente. Este debate expressa as condições nas quais se dá a produção político-intelectual latino-americana na atualidade.<sup>3</sup>

Nessa mesma direção, afirma Escobar que a genealogia do que é chamado programa de investigação da modernidade/colonialidade inclui:

A Teologia da Liberação desde os anos sessenta e setenta; os debates na filosofia e ciência social latino-americana sobre noções como filosofia da liberação e uma ciência social autônoma (e.g., Enrique Dussel, Rodolfo Kusch, Orlando Fals Borda, Pablo Gonzáles Casanova, Darcy Ribeiro); a teoria da dependência; os debates na América Latina sobre a modernidade e pós-modernidade dos

anos oitenta, seguidos pelas discussões sobre hibridez em antropologia, comunicação, os estudos culturais nos anos noventa; e, nos Estados Unidos, o grupo latino-americano de estudos subalternos.<sup>4</sup>

Assumindo então que a modernidade/colonialidade representa uma importante perspectiva na complexidade do pensamento crítico latino-americano atual, seguidamente apresentaremos algumas reflexões a partir do âmbito específico do lazer.

### **Questões em torno do espaço (lugar) latino-americano e alguns assuntos que suscitam**

O contexto nos países da América Latina está marcado por fenômenos como a desigualdade, a exclusão, a pobreza, a economia informal, a dependência, o deslocamento, a violência, o racismo etc. Problemas que, nos dizeres de Escobar,<sup>5</sup> sendo modernos, não encontram resolução na modernidade. Como, então, estabelecer uma leitura que permita uma adequada relação com o lazer? Como atua o lazer, nessa parte ocupada pelos habitantes da América Latina, nos momentos atuais? Quais formas o lazer assume nestes contextos? A partir de que perspectiva se faz possível evidenciar o lazer como fenômeno fundamental em qualquer projeto individual e/ou coletivo?

Fundamentalmente, propõe-se uma releitura e problematização dos referentes até hoje utilizados para os estudos sobre o lazer que modelam os discursos e a geração de conhecimento nas sociedades periféricas do sistema-mundo moderno/colonial. De tal maneira que se avance no sentido da construção de marcos referenciais de acordo com as características e necessidades da região que permitam o estabelecimento de diálogos e discussões com aqueles produzidos em outras regiões do mundo.

Assim, torna-se necessário conhecer os marcos referenciais mais amplos, tais como: pós-desenvolvimento,<sup>6</sup> transmodernidade,<sup>7</sup> florescimento humano,<sup>8</sup> modernidade/colonialidade<sup>9</sup> ou pós-modernismo

oposicional.<sup>10</sup> Em síntese, é relevante conhecer novas propostas de enunciação que façam visível a realidade de um fenômeno como o lazer, em contextos que em nada respondem àqueles sobre os quais se têm construído suas definições.

No estado atual do sistema-mundo, ainda que o lazer apareça reconhecido como um direito social, a realidade é que, na lógica dominante da expansão cultural e de abertura das economias e dos mercados em uma dimensão global, sua presença ocorre como uma forma de mercadorização, gerando estados de exclusão a pessoas e comunidades, impossibilitadas de participarem como consumidoras, relegadas a um lazer solidário e filantrópico como nos chama a atenção Fernando Mascarenhas,<sup>11</sup> ancorados em ofertas empobrecidas de “mercolazer”, desconhecedoras do valor das próprias práticas lúdicas.

Na mesma direção, afirma Fernando Tabares:

É comum ler e escutar sobre o desaparecimento ou extinção de múltiplas e variadas espécies tanto animais como vegetais, de línguas que desaparecem por desuso, de costumes e usos de distintos tipos que sucumbem ante o projeto homogeneizador que pretende fazer do mundo inteiro território de práticas e produtos estandarizados. Assim, então, poderia se dizer que o mundo é menos mundo e a vida menos vida, menos diversa e rica (...). Assim como desaparecem distintas espécies, línguas, usos e costumes, também o fazem as expressões lúdicas, existentes em todos os povos do mundo desde sempre. Talvez pelo pouco valor que tradicionalmente se atribui a esse tipo de práticas, ou pelo avassalador do projeto colonizador. Hoje a indústria da cultura dá a mão aos onipresentes meios de comunicação, homogeneízam sonhos, desejos e aspirações, tudo isso, para que seus produtos não encontrem obstáculos para sua distribuição. Nesse cenário, diferentes expressões lúdicas se vão extinguindo, sem ficar nem mesmo uma resenha de sua existência. Também a extinção das expressões lúdicas com a identidade e diversidade nelas contidas empobrecem a vida e terminam por mostrá-la de somente uma cor.<sup>12</sup>

Assumindo que o desenvolvimento, como um estado a mais da implantação do sistema-mundo, corresponde a um modo civilizatório cujo objetivo fundamental é a criação das condições para seu adequado

funcionamento naqueles lugares onde ainda não existe plenamente, vale a pena indagar: Qual é seu impacto na transformação e/ou desaparecimento das formas de vida, sociedade e cultura, que obstaculizam sua implantação?

O lazer, como estratégia, atua nos territórios da periferia, influenciado pelos diferentes âmbitos que o configuram. Em consequência, o modo de desenvolvimento implementado até o dia de hoje nos países subdesenvolvidos – inscrito no sistema-mundo moderno/colonial – valoriza o lazer, em termos do que pode representar em crescimento, ou quiçá, como aspecto marginal e compensatório, importante para a recuperação de energias e forças para voltar ao mundo sério do trabalho, mesmo que seja em qualquer condição. Nesse contexto, como desenvolver o lazer como estratégia de algumas “outras” formas que não correspondam às tradicionais variáveis a partir das quais ele se define e pode ser analisado?

Nesse contexto, o interesse pelo lazer nas sociedades periféricas requer, no nosso entender, a busca de outras enunciações que possibilitem tornar visível o que Mignolo<sup>13</sup> denomina como colonialidade ou cara oculta da modernidade, referindo-se àqueles que têm sido objeto de intervenção pelo sistema-mundo moderno/colonial, tentando superar, como ele mesmo discute, o fundamento de Wallerstein<sup>14</sup> relativo ao moderno sistema mundial ou economia-mundo capitalista.

A implementação do desenvolvimento ainda segue tendo grandes impactos nos países da periferia (na economia, na política, nos conflitos armados, nas culturas locais, no meio ambiente etc.). Paradoxalmente, a abordagem de aspectos como a ludicidade, o jogo, a recreação ou o lazer, inclusive naquelas propostas denominadas de “alternativas”, tem sido praticamente inexistente – vale mencionar a proposta de Max-Neef, Elizalde e Hoppenhayn,<sup>15</sup> de *Desenvolvimento a escala humana*, que inclui o lazer como uma necessidade.

A ideia do lazer como fenômeno próprio das sociedades industrializadas – aquela que idealizou e liderou a implementação do desenvolvimento – envolveu os intelectuais e ativistas de distintos tipos, naquela visão que uma e outra vez invisibilizava o lazer e suas práticas, discursos

e formas de conhecimento, e sua presença que, apesar de tudo e de todos, foi mais além do proposto pelo projeto civilizador e desenvolvimentista. O lazer, como a vida, normalmente surge das mais diversas maneiras e nos lugares mais inesperados; e assim devem existir marcos de referência suficientemente amplos e diversos.

## **Problematizações em torno do estudo do lazer nos países da periferia**

Para entender o exercício de ler o lazer na particularidade dos países da América Latina, faz-se necessário avançar na construção de referentes que permitam dar conta de assuntos que os marcos referenciais existentes não fazem visíveis. O enfoque da modernidade/colonialidade, ao propor, em âmbito local, a reivindicação da visibilização das histórias próprias e os aspectos dela derivados, gera a necessária problematização dos referentes universais para a leitura do lazer nas diferentes sociedades do mundo. Essa situação evidencia uma série de questões que serão expostas a seguir.

Um primeiro tema relaciona-se com a visibilização e problematização de um projeto do centro à periferia e com as formas tradicionais de dar conta desse processo, mais centrado na análise de sua implementação do que na leitura do impacto sobre as sociedades onde ocorrem intervenções. Esse exercício suscita, nesse sentido, questões em torno dos elementos constitutivos do projeto – civilizador – que configurou uma realidade em que desaparecia aquilo que constituía o território, os imaginários, as formas de entender e viver o trabalho e o lazer (nem sempre separados) etc. de milhões de pessoas, para, em contrapartida, inventar o progresso e o desenvolvimento que os nomeava como seres humanos situados em um ponto de início, com a obrigação de avançar até estados de civilização e progresso. E mais na linha da temática deste texto, de que maneira esse projeto atuou e segue atuando sobre as formas de existência do lazer, presentes nesses territórios da periferia?

Outro aspecto faz surgir novas perguntas: ao definir a região latino-americana como um território com características próprias, faz-se necessário explicitar, para uma análise adequada de um fenômeno como o lazer, a colonialidade como imaginário que atua para justificar a configuração do projeto civilizador. Dessa maneira, destacam-se questões em torno da influência que a colonialidade tem na geração de categorias que naturalizam e valorizam pouco as condições do lazer que são próprias dos países e habitantes da região latino-americana em comparação com as dos países centrais. Nesse sentido, a questão é por que se dá maior valor a algumas práticas locais – geradas no centro do sistema-mundo –, para que apareçam como referentes a partir dos quais se faz possível ler o avanço do campo? O que foi que aconteceu para que isso ocorresse?

Um assunto que também suscita questões nesse campo se dirige às informações sobre os benefícios do lazer para a superação de situações tão complexas como o conflito, a marginalização, a violência de todo tipo ou a desigualdade. Que referente se faz possível nesse tipo de afirmação? É possível superar situações tão complexas como a exclusão, a pobreza ou o conflito armado e suas consequências, com somente um tipo de práticas de lazer? Que imaginários influenciam os promotores dessas práticas, com relação aos habitantes de nossas sociedades, para afirmar que isso é possível?

Já no campo de geração de conhecimento sobre o tema do lazer, algumas perguntas que surgem no marco do processo civilizador se orientam a partir de aspectos como: O que acontecia em nossos países, sobretudo em termos da geração de conhecimento no campo de estudos do lazer, que não se restringia apenas a esse campo específico, mas que era uma regularidade que atravessava a vida das sociedades da região latino-americana? O que fazia possível aquela situação de lugares produtores de conhecimento e lugares receptores do mesmo?

Segundo os fundamentos desenvolvidos por Mignolo<sup>16</sup> sobre as histórias locais e os projetos globais, assim como sobre a geopolítica do conhecimento,<sup>17</sup> existem lugares de enunciação nos quais as histórias locais se convertem em projetos globais (por exemplo, no campo do

lazer, autores como Dumazedier, Huizinga, Veblen, Elias, Csizksentmihalyi, Cuenca, Trilla, Munné) e histórias locais que simplesmente são os espaços onde se executam ditos projetos, adotando-se, rejeitando-se ou apenas ignorando-se. Histórias locais que têm sido invisibilizadas ou desconhecidas, ou simplesmente postas na lógica dos lugares de enunciação, impossibilitadas pelos dispositivos de maior circulação. Enfim, são situações que devem ser analisadas com maior profundidade.

Aqui aparecem mais algumas perguntas, relacionadas com a construção de conhecimento sobre o lazer na região. O que tem sido escrito sobre o tema do lazer? Em torno de quais objetos se produz conhecimento? Em seus exercícios de investigação, quais problemas os acadêmicos abordam? Que tipo de pesquisa se desenvolve, que discursos circulam e que práticas se promovem? Essas são questões que suscitam o descentramento das tradicionais perguntas, que só fazem visíveis alguns aspectos das complexas sociedades periféricas. Questionar esses e outros aspectos, que fazem parte dessas realidades, pode ser um aporte para a configuração de propostas mais amplas e, sobretudo, mais pertinentes no campo dos estudos do lazer.

### **Formas outras de conhecimento, próprias da América Latina, para a produção de conhecimento em lazer e recreação**

Na perspectiva do pensamento crítico latino-americano, o interesse de análise se relaciona com o aparecimento de investigações a partir do enfoque crítico social, ou seja, daquele que aposta manifestadamente pela transformação das condições de desigualdade e exclusão. Uma perspectiva que, fundamentalmente, aposta pela problematização do enfoque positivista como possibilidade única de conhecimento. Frente ao interesse de conhecimento, esse enfoque está correlacionado com as histórias coloniais locais, como as denomina Mignolo.<sup>18</sup> Seu interesse não aponta para a implementação de um projeto global, mas, ao contrário, para fazer visíveis as particularidades dessa implementação,

em relação com as vidas daqueles expostos a esse processo, que, na maioria das vezes, são invisíveis.

A presença de pesquisas com esse enfoque fornece pistas sobre o interesse daqueles que adotam processos de produção de conhecimento. Representa outro tipo de processos de investigação, mais próximos dos contextos sociais e culturais locais e as necessidades e possibilidades de participação das pessoas envolvidas nesses processos.

Dito dessa forma, o que se faz nesse tipo de enfoque é a problematização do empírico-analítico, de seus postulados e práticas, suas regularidades constitutivas para avançar na construção de marcos referenciais próprios e metodologias mais pertinentes aos contextos diversos e complexos, próprios das sociedades da periferia. De tal maneira que amplia o marco de atuação das diferentes perspectivas em situação de tensão.

Desde a década de 1950, com a sistematização de experiências<sup>19</sup> e a Investigação Ação Participativa dos anos de 1970,<sup>20</sup> têm sido iniciados, faz alguns anos, processos que tentam buscar outras formas de conhecer, mais contextualizadas com as características próprias da América Latina.

A abordagem de Fals Borda<sup>21</sup> sobre um avanço nas duas últimas décadas frente à acumulação de informação original, de reflexões teóricas e metodológicas próprias que possibilitam um olhar diferente e um interesse por outros problemas mais particulares dessa região do mundo, abre o caminho na linha de geração de processos que permitam fortalecer uma comunidade de interesse de conhecimento próprio no campo dos estudos do lazer.

Um primeiro assunto que se propõe para essa mudança do enfoque crítico social tem relação, na periferia, com a opção de entender o conhecimento como um fenômeno local que corresponde às condições reais das pessoas. Essa compreensão difere do enfoque empírico-analítico e, em geral, da ciência moderna em seu conjunto, os quais reforçam a pretensão de universalidade e adotam marcos referenciais e metodológicos como se estes pudessem ser aplicados em qualquer lugar do mundo, ou seja, como se fossem o ponto zero do planeta. A esse respeito, Fals Borda e Mora-Osejo assinalam que:

Os marcos de referência científicos como obra de humanos, inspiram-se e se fundamentam em contextos geográficos, culturais e históricos concretos. Esse processo é universal e se expressa em diferentes modalidades. Justifica-se na busca da plenitude da vida e satisfação espiritual e material dos que intervêm nos processos investigativos e criadores, assim como dos que o difundem, compartilham e praticam.<sup>22</sup>

Essa afirmação vem apoiar a ideia da geopolítica do conhecimento, da necessidade de fazer visíveis não somente os lugares de enunciação, mas também os interesses que se põem em jogo.

Destacam-se duas perspectivas do conhecimento, aquela que aponta a manutenção de determinadas condições, buscando a forma de levar a todos os seres humanos, em um mesmo sentido, na direção do *status quo*, e aquela que reivindica a problematização das condições de desigualdade e exclusão, restituindo aos marginais a possibilidade de participar nas transformações necessárias para a construção de sociedades mais justas e respeitosas da diversidade e da diferença.

## Com respeito aos estudos do lazer

Com referência aos estudos do lazer nas sociedades da periferia, um aspecto se ressalta, a coincidência existente entre o lazer como projeto global e a ciência (positiva) como forma universal e válida de conhecimento. Problematizar a produção de conhecimento das sociedades latino-americanas requer, sem dúvida, a identificação desse fato. Como se desvela na colonialidade do saber, existe uma forma por excelência para fazer ciência, que, sobretudo no marco da diferença colonial, não somente opera na diferenciação entre os tipos de conhecimento, mas também em relação com os seres humanos de alguns e outros espaços.

Essa matriz, a partir da mesma operação do conhecimento, subalterna estratégias do lazer, a favor de outras, correspondentes ao projeto global. Denominações como práticas populares, tradicionais, autóctones são utilizadas para denominar as práticas próprias dos países situados à margem, tanto temporal como espacial.

Na história das sociedades centrais, pode ser que o popular e o tradicional correspondam a formas anteriores da história própria, mas, na periferia isto não pode ser visto da mesma forma. Nas operações centro-periferia, o histórico se assume como uma operação a partir da qual se assinalam alguns lugares intermediários com relação ao ponto definido de referência. Nas palavras de Lander: “A história continua existindo somente em um sentido limitado: aos países subdesenvolvidos fica um trecho por percorrer para alcançar a meta na qual os aguardam os ganhadores da grande carreira universal em direção ao progresso.”<sup>23</sup>

Nessa matriz, as práticas permitem ler o estado de desenvolvimento de uma sociedade. A ciência positiva identifica os estados de implementação, mas não as práticas próprias que seguem existindo. Não como sinal de um estado anterior da história, mas como a presença, simultânea, de práticas que correspondem a formas de vida de alguns setores da população, à margem do desenvolvimento, por exclusão ou simplesmente porque suas formas de vida são orientadas por regularidades distintas daquelas que são típicas da modernidade.

Dessa maneira, a universalidade e seu projeto global de lazer devem ser considerados como uma forma de expressão, com interesses, marcos referenciais e metodologias próprias, mas não como a única. Muitas outras expressões existem, apesar de que esses modos não as façam visíveis. Por isso, é tão necessária a construção de marcos referenciais outros que possibilitem a integração e a visibilização de todas as expressões, valorizando sua existência, de acordo com os aportes que faz aos grupos humanos que as praticam.

Formas outras de vida requerem, igualmente, perguntas outras, marcos outros, buscas outras que, no contexto local, favoreçam a leitura do lazer. Por isso, a pergunta na periferia não deve se orientar para a existência ou não do lazer – em sua versão ocidental –; deve ser dirigida para indagar as formas de existência desse fenômeno no contexto próprio das sociedades de nossa região, tão diversas, tão complexas, tão dependentes, tão descrentes de si mesmas. Ou seja, para um mundo diverso, paradigmas outros de conhecimento, onde coexistam as formas

próprias das histórias locais e também as do projeto global, mas desta vez em condições de igualdade, onde reais diálogos sejam possíveis.

## **Alguns desafios para a perspectiva crítica latino-americana nos estudos do lazer**

Alguns desafios que a perspectiva crítica latino-americana deve assumir frente aos estudos do lazer na região:

- A objetividade

Um assunto que deve ser levado em conta é o tema da objetividade, que ressalta as formas de conhecimento implementadas na América Latina, e a problematização da relação entre teoria e prática. Segundo Fals Borda:

Ao entender mais claramente como o conhecimento popular podia ser congruente com o herdado da ciência acadêmica, tivemos que descartar algumas definições profiláticas de “compromisso” (compromisso-pacto) que nos haviam ensinado. Advertimos que aqueles colegas que acreditavam trabalhar com neutralidade e objetividade absoluta terminavam voluntária ou involuntariamente apoiando o *status quo*, com o que obscureciam a realidade ou boa parte dela, e impediam as transformações sociais e políticas nas quais estávamos imersos ou que ansiávamos impulsionar.<sup>24</sup>

Com a clareza de que o que se investiga está condicionado pelas circunstâncias próprias de sua vida, a aposta por formas de conhecimento outras, que avançam para a transformação, requer o compromisso explícito das pessoas que impulsionam processos de geração de conhecimento em nossas sociedades. Desvelar os interesses implícitos, tanto na produção de conhecimento como nas formas mesmas de existência do lazer em nossas sociedades, é uma tarefa que deve ser assumida, sobretudo no que se refere ao impulso de processos de câmbio.

Por exemplo, no contexto latino-americano, a pergunta pela relação de pesquisas com o enfoque empírico-analítico e o crítico-social tem

a ver com o feito de considerar os interesses que subjazem nos diferentes enfoques de geração de conhecimento. Quiçá porque, como afirma Fals Borda: “a descolonização relaciona-se com a descoberta, em nossas próprias mentes e condutas, das características de uma forma de conhecer e de atuar que se haviam implantado em nós mesmos, principalmente através da educação.”<sup>25</sup>

A esse respeito e apoiados em uma investigação sobre a produção de conhecimento em lazer e recreação na Colômbia, afirma Osorio:

O que acontece é que eu acredito, e nisso sou muito insistente, que ainda nos falta uma cultura acadêmica e de produção de conhecimento, que a gente assuma posições políticas nas investigações, ou seja, acredito que pode haver uma aproximação hermenêutica, qualitativa, entre a prática e a investigação, pois, de alguma maneira, segue-se manejando, ingenuamente, sem considerar as implicações políticas que ambas têm. Porque transformação é político, sim, automaticamente.<sup>26</sup>

Desvelar, pois, os interesses e apostar manifestamente numa opção política que problematiza as formas de conhecimento, mas de igual maneira, as formas de expressão do lazer nas sociedades da periferia, abre um importante caminho para a construção de marcos referenciais próprios, que, por sua vez, permitam a conformação e o fortalecimento de grupos de investigadores que constituem comunidades acadêmicas com o objetivo de propor modos mais afinados com o local, para, a partir daí, estabelecer relações com outros grupos, outros marcos de análise e outras propostas metodológicas.

Nas palavras de Fals Borda:

Por essas razões, chegamos a declarar que as pessoas comuns merecem conhecer mais sobre suas próprias condições vitais para defenderem seus interesses, do que aquelas outras classes sociais que têm monopolizado o saber, os recursos, as técnicas e o poder mesmo, isto é, que devemos prestar tanta ou mais atenção na produção do conhecimento do que na produção material. Assim, poderemos inclinar a balança em prol da justiça para os grupos desprotegidos da sociedade.<sup>27</sup>

## A relação sujeito-objeto

A partir do tradicional olhar das formas hegemônicas, as formas de conhecer e as práticas de jogo, diversão e festa, foram subalternizadas. Nessa forma de funcionamento do sistema-mundo moderno/colonial, a periferia se converte em objeto de conhecimento, analisado pelos científicos objetivos, habilitados para tal fim.

Um interesse de conhecimento pela transformação avança pela restituição da possibilidade de gerar conhecimento e, nessa mesma linha, pela restituição das expressões próprias do lazer. Mas, igualmente pela restituição do direito de participação das pessoas, que, a partir da diferença colonial, se encontram em condições de subalternização, como grupos populacionais a que se deve tirar do atraso, já que, por si mesmos, são incapazes de fazê-lo. Para Lander:

Reforçam-se aqui os olhares coloniais que somente reconhecem como sujeitos significativos aos portadores de projetos modernizantes: os empresários, os tecnocratas, os vizinhos de classe média, os habitantes da mitológica sociedade civil. A indiferença ante os outros, que não encontram lugar nessa utopia de mercado e democracia liberal, delata a permanência do racismo fundante do pensamento colonial.<sup>28</sup>

Propõe-se, então, a opção de gerar formas de conhecimento mais próprias da América Latina, como a Investigação Ação Participativa e a reconstrução decidida de uma história do lazer na periferia, que torne visível o não contado e que forneça elementos para tentarmos entender melhor o que somos hoje. Que envolvam diretamente, nos processos de investigação, as pessoas que tradicionalmente foram concebidas como objetos de conhecimento. Ainda que existam situações que possam ser questionadas tanto por suas formas, como pela radicalização dessas perspectivas, no que se refere à ingerência que segue havendo na tomada de decisão sobre temáticas e processos de pesquisa por parte dos pesquisadores, esse enfoque de conhecimento é muito importante e oferece grandes possibilidades para avançar.

No marco dos projetos globais e das histórias locais, indagar pelas condições a partir das quais os processos que impulsionaram o desenvolvimento do lazer e da recreação foram propiciados permitirá caracterizar e entender melhor a configuração de enfoques e interesses frente à produção de conhecimento, que constroem contextos nos quais algumas formas de conhecimento encontram condições mais propícias que outras.

### **À maneira de conclusão**

A modernidade/colonialidade representa, na atualidade, uma importante perspectiva do pensamento crítico latino-americano atual. A problematização que possibilita esse marco de análise às regularidades próprias dos modos tradicionais de conhecimento representa uma incalculável contribuição ao estudo dos programas de matérias sobre lazer, recreação e tempo livre na América Latina. Discursos, enfoques e interesses devem ser considerados para a análise das diferentes propostas de formação de pesquisadores. Disso dependerá a possibilidade de se construir cenários equilibrados, nos quais as diferentes perspectivas e interesses de conhecimento possam interatuar para a construção de marcos condizentes com a complexidade e a diversidade da região latino-americana.

Na perspectiva do lazer, o grande desafio está vinculado ao desenvolvimento de um pensamento capaz de recolher e dar conta da singularidade histórica, social, cultural e política das comunidades da região latino-americana. Um pensamento crítico que integre e signifique a rica produção intelectual, científica, cultural e acadêmica de pessoas e instituições que, com uma ampla tradição, têm contribuído com a interpretação, compreensão e transformação das realidades locais, muitas das vozes silenciadas pela ideologia da dominação e pela subalternização.

Finalizamos expressando nosso desejo de que este livro seja uma contribuição para o desenvolvimento do pensamento crítico sobre o lazer na América Latina, ampliando as possibilidades de diálogo e de avanço do conhecimento produzido sobre esse tema em nossa região.

*José Fernando Tabares Fernández*

Membro da Corporación CIVITAS:  
Estudios de Ocio, Cultura y Sociedad

*Víctor Alonso Molina Bedoya*

Docente da Universidad de Antioquia e  
Membro da Corporación CIVITAS:  
Estudios de Ocio, Cultura y Sociedad